

DC

Dicta&Contradicta

IFE

INSTITUTO DE
FORMAÇÃO E
EDUCAÇÃO

Junho, 2010
Número 05
R\$ 22,50

Na vertigem da poesia

Uma entrevista com Ferreira Gullar

Shakespeare e a política no Brasil

Gustavo H. B. Franco

A amante do exílio

Martim Vasques da Cunha

Katyn: o longo segredo

Dariusz Jolczyk

A volta de Dom Quixote

Henrique Elfas

Wilde & Whitman

Odorico Leal

Woody Allen: crimes sem castigos?

João Pereira Coutinho

Poema inédito

Ferreira Gullar

Conto Traduzido

G.K. Chesterton

Gênesis

Robert Louis Stevenson



Shakespeare e a política no Brasil contemporâneo

Pequena paródia de Machado de Assis "A Cena do Cemitério"

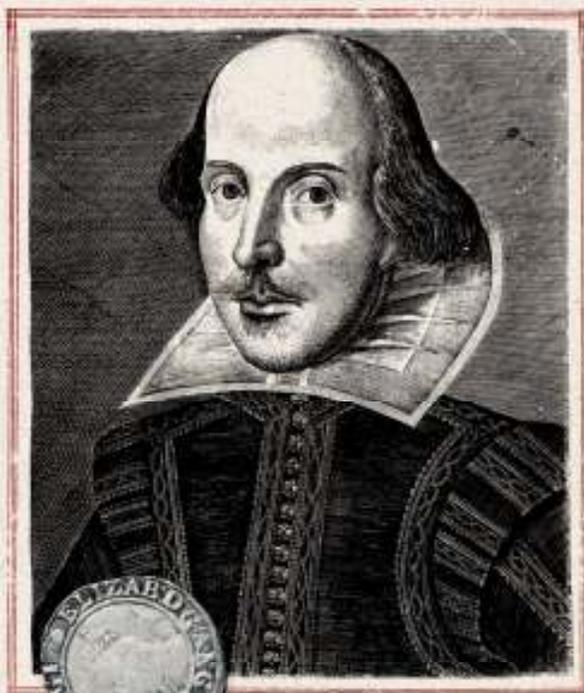
Originalmente A SEMANA (03/06/1894), republicada em PÁGINAS RECOLHIDAS reproduzido em "A ECONOMIA EM MACHADO DE ASSIS: O OLHAR OBLÍQUO DO ACIONISTA

GUSTAVO H.B. FRANCO

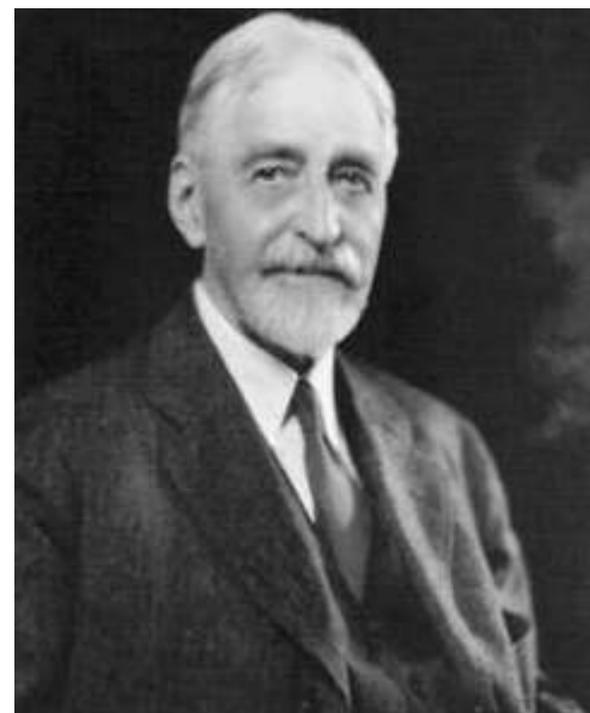


HENRY W. FARNAM

SHAKESPEARE e a Economia




ZAHAR



Shakespeare e a economia

Gustavo H. B. Franco (2009)

***A Economia de Shakespeare
o retrato do capitalismo quando jovem***

- 1. O homem e sua obra***
- 2. Moedas, palavras e, mercados***
- 3. Há economia em Shakespeare?***
- 4. O apogeu elisabetano: teatro e mercado***
- 5. O patronato e o sucesso de público***
- 6. Teatro, mercadores e venture capital***
- 7. A economia do teatro***

Henry W. Farnam (1931)

A Economia em Shakespeare

Prólogo

- 1. Economia e teatro***
- 2. O cenário econômico***
- 3. O mar e seus empreendimentos***
- 4. A terra e sua fartura***
- 5. A troca e seus instrumentos***
- 6. O trabalho e seu status***
- 7. Economia social***

Epílogo

Sabe-se muito pouco sobre William Shakespeare

Apenas 6 exemplares de sua assinatura, nenhum manuscrito



W. Shakspeare

William
Shakspeare

W. Shakspeare

William
Shakspeare

William Shakspeare

W. Shakspeare

- * Em 342 aparições por escrito de seu nome em manuscritos da época, possam ser encontradas exatas 25 variantes diferentes de grafá-lo: Shackspeare, Shagspere, Shaxberd, Shekspere, entre outras .
- * Em 1605, na Biblioteca de Oxford, que não incluía peças de teatro, havia apenas 36 livros em inglês entre cerca de 6.000 volumes.
- * O primeiro dicionário da língua inglesa foi publicado em 1604, mas talvez fosse só um primeiro esboço, pois contava apenas 2.521 verbetes.
- * Shakespeare usou entre 20 a 30 mil palavras diferentes e *inventou* cerca de 1.700.

Paralelos entre o idioma e a “linguagem do comércio”

Evolução “institucional” possui diversos traços comuns

Palavras

- *Convenções da escrita*
- *Diferentes grafias (cf sonoridade)*
- *Corruptelas, gírias, “coining”*
- *Linguagem erudita: latim, grego*
- *Valor “ampliado” pelas combinações (coining)*
- *Necessidade de padronização*
- *Inst de socialização – teatros*
- *Condições materiais da produção*
- *Direitos de autor*
- *Empresas, resp. limitada*
- *O idioma nacional*
- *“Coinage of your brain” (Hamlet, IV 4, 82)*

Moedas

- *Convenções ref. pesos e medidas*
- *Diversidade de moedas de pgto*
- *Clipping, tokens (moeda de pobre),*
- *Lei de Gresham - bullion*
- *Do valor intrínseco para o valor simbólico – bill of x-change*
- *Necessidade de padronização*
- *Inst de socialização – mercados*
- *Organização institucional*
- *Direitos de propriedade*
- *Empresas, resp. limitada*
- *A moeda nacional*
- *Depois de HVII trazem efígie do rei, “Coinage of the King”*

Moedas inglesas Groats de prata



Ricardo III, Henry VII e Henry VIII

Moedas inglesas

Groat de prata de Elizabeth I



Lei de Shakespeare

O anjo de mal expulsa o do bem



“Lei de Gresham” – “o dinheiro ruim expulsa o dinheiro bom da circulação. A “lei”, na verdade, tinha pouco a ver com sir Thomas Gresham. Foi uma racionalização feita em 1896 por Henry MacLeod para os comportamentos diante da confusão monetária

Se tivesse lido o soneto 144 de Shakespeare, MacLeod veria na última linha um trocadilho do poeta a propósito da “lei”, que, talvez, por conta desta alusão, pudesse ter outro patrono, mais ilustre. Lembra que ANGEL era uma das moedas mais populares da Renascença. O verso é o seguinte:

Till my bad angel fire my good one out

Até que o anjo do mal expulse o anjo do bem

(Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos)

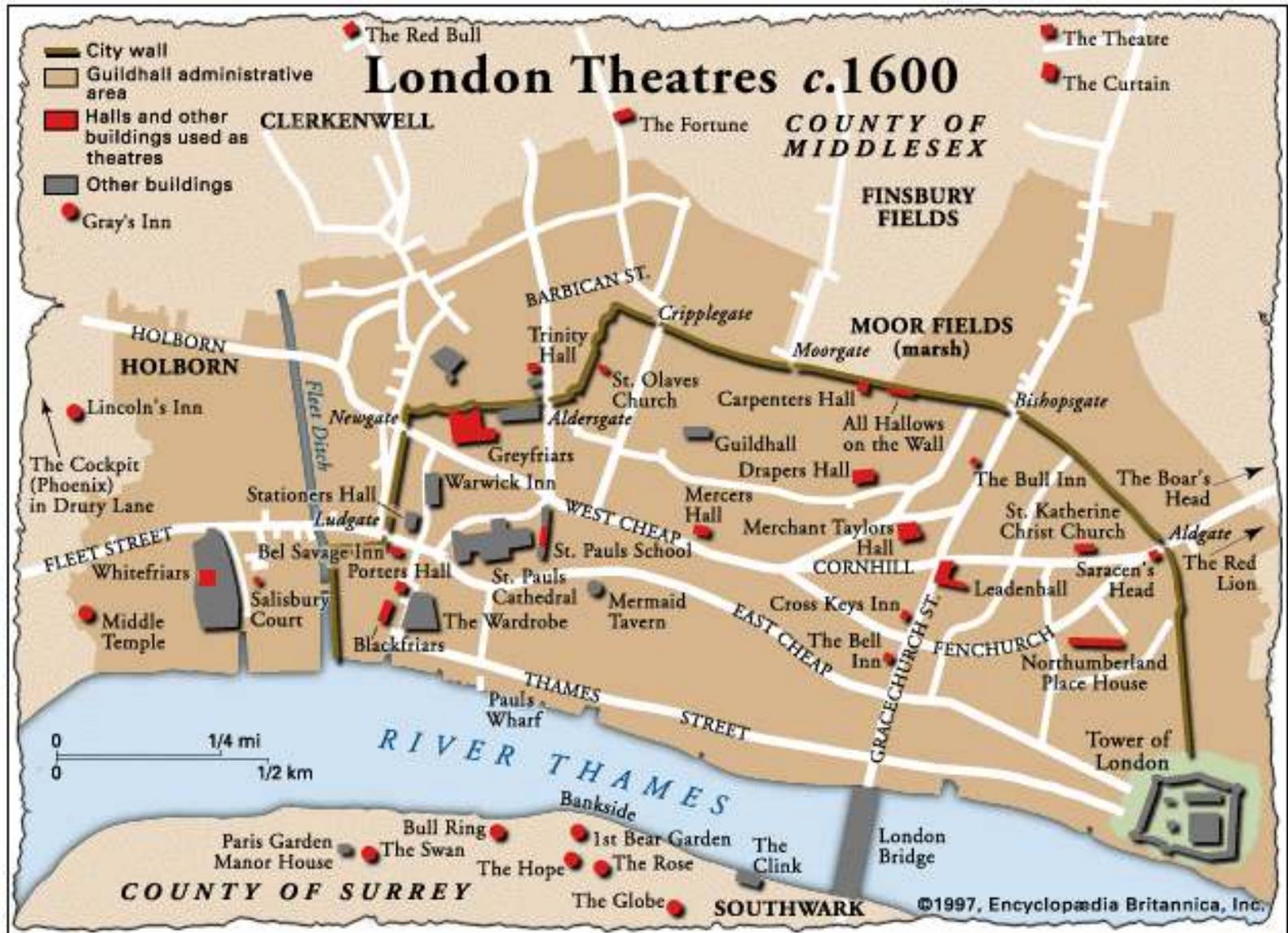
Shakespeare empresário

O entretenimento de massa

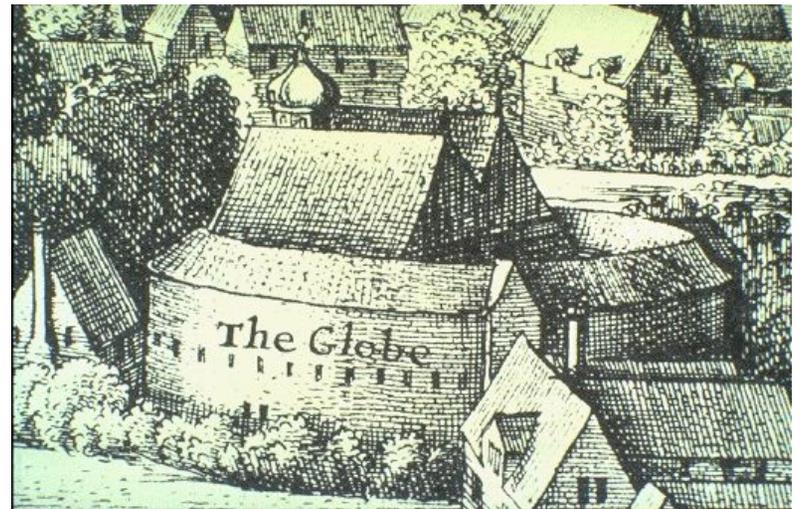
- Londres tinha cerca de 250 mil habitantes em 1600. O país tinha 4,8 milhões.
- O Globe tinha 3 mil lugares (uma vez e meia toda a população de Stratford!) e funcionava 5 dias por semana, alternando com o Blackfriars que tinha capacidade para 800.
- Globe cheio representava 2% da cidade: como 183k no Maracanã em 1969.
- Londres tinha cerca de uma dúzia de teatros de tamanho comparável. Não havia outra diversão, exceto "bear baiting", corais de meninos e bordeis.
- algo entre 15% e 20% da população da cidade, fossem ao teatro em um único fim de semana. 50 milhões de pessoas foram ao teatro entre 1560 e 1642 !
- Jamais o teatro teve tanta "centralidade", nem tanto público, nem movimentou (proporcionalmente) tanto \$

Teatros em Londres, *circa* 1600

Muralhas da cidade & *liberties*

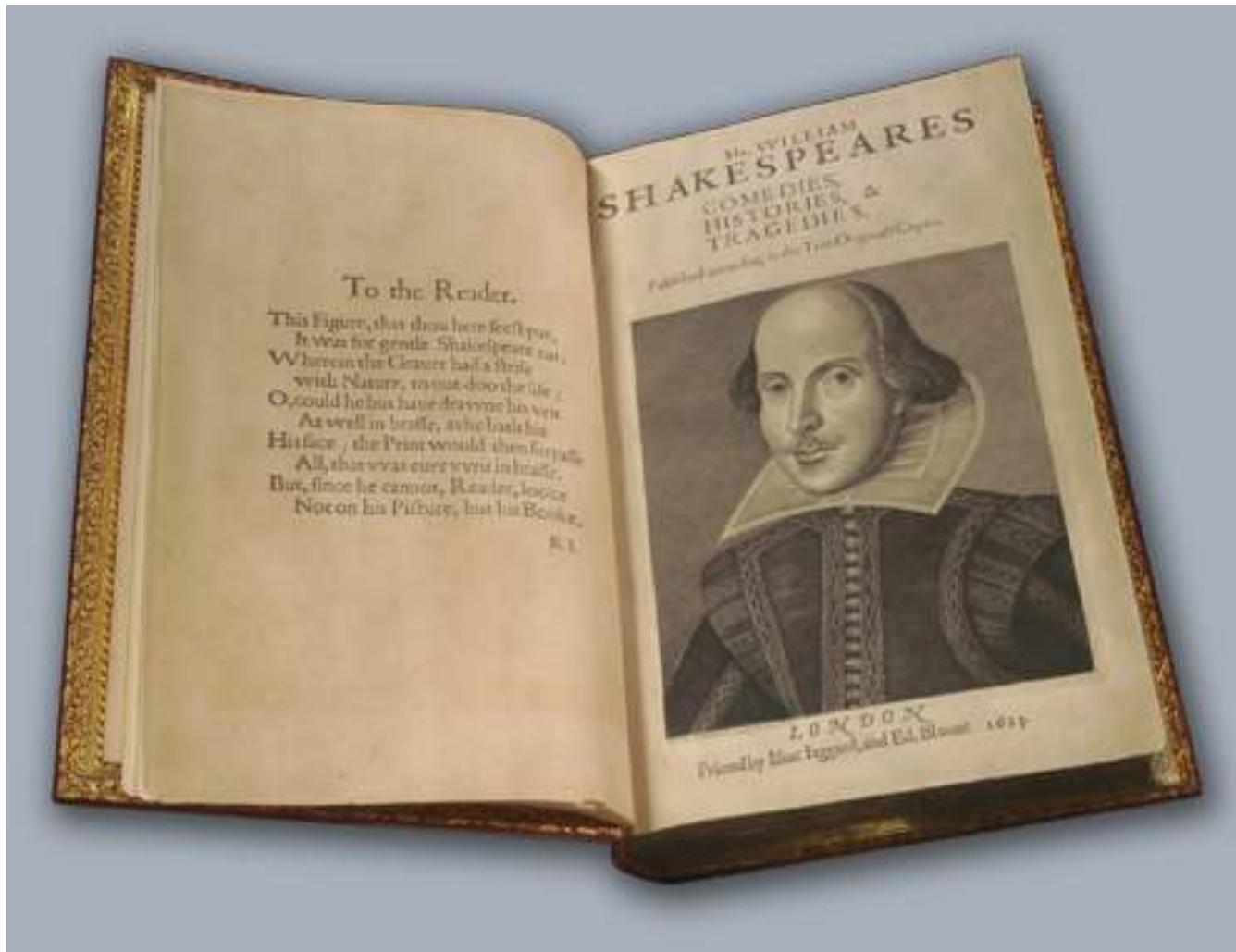


The Globe



O "First Folio" 1623

Publicação póstuma do "teatro completo", com 36 peças
Outras 2 posteriormente incluídas no "cânone"



Tragédias, comédias e histórias

Publicação póstuma do “teatro completo”, com 36 peças

POLÍTICA.

**HISTÓRIAS. Duas
“tetralogias” básicas:**

*** Primeira:**

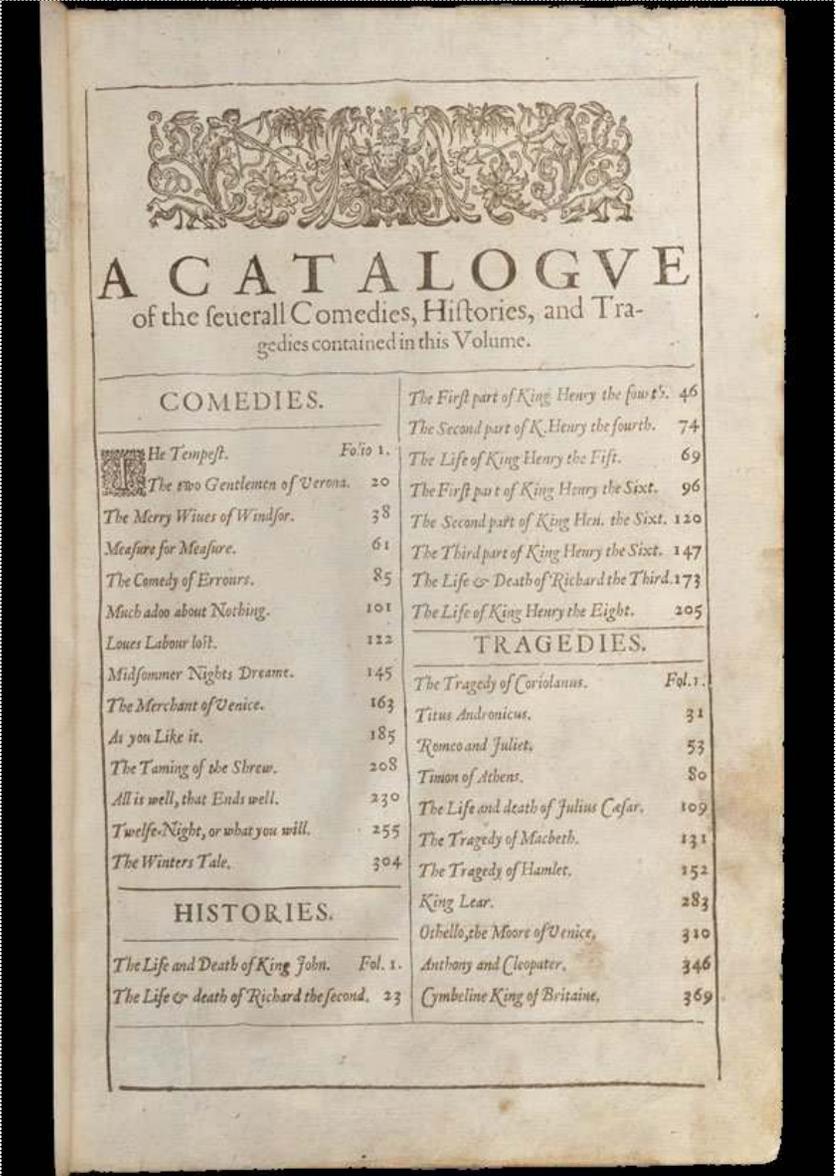
- Ricardo II
- Henry IV, 1 e 2
- Henry V

*** Segunda:**

- Henry VI, 1, 2 e 3
- Ricardo III

*** TRAGÉDIAS: Lear,
Macbeth, Hamlet**

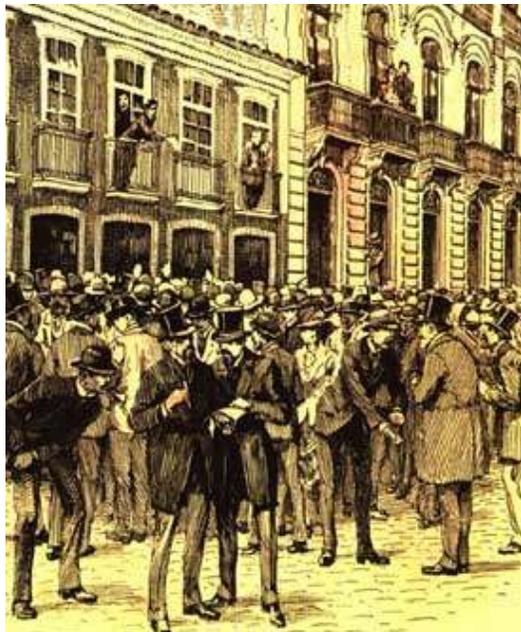
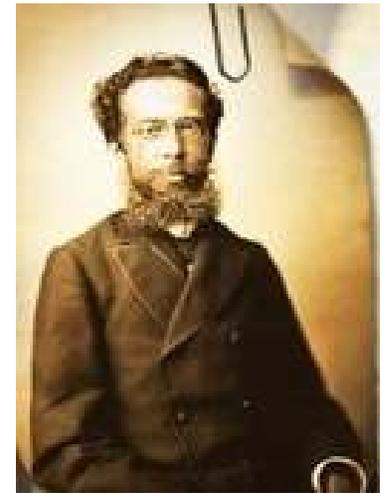
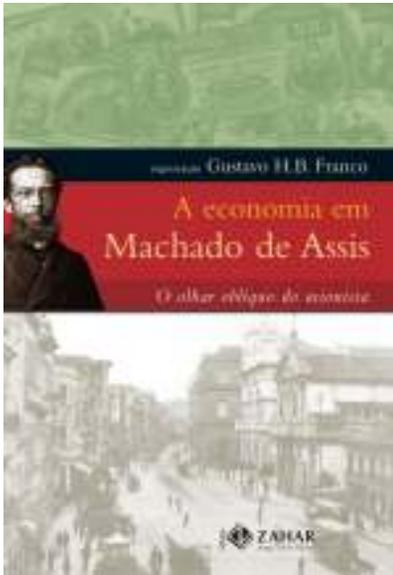
*** PEÇAS PROBLEMA:
Mercador, Medida por
Medida**



A CATALOGVE
of the severall Comedies, Histories, and Tragedies contained in this Volume.

COMEDIES.		
		<i>The First part of King Henry the fourth.</i> 46
		<i>The Second part of King Henry the fourth.</i> 74
		<i>The Life of King Henry the Fifth.</i> 69
		<i>The First part of King Henry the Sixth.</i> 96
		<i>The Second part of King Henry the Sixth.</i> 120
		<i>The Third part of King Henry the Sixth.</i> 147
		<i>The Life & Death of Richard the Third.</i> 173
		<i>The Life of King Henry the Eighth.</i> 205
COMEDIES.		
<i>He Tempest.</i>	Folio 1.	
<i>The two Gentlemen of Verona.</i>	20	
<i>The Merry Wives of Windsor.</i>	38	
<i>Measure for Measure.</i>	61	
<i>The Comedy of Errors.</i>	85	
<i>Much ado about Nothing.</i>	101	
<i>Loves Labour lost.</i>	122	
<i>Midsommer Nights Dreame.</i>	145	
<i>The Merchant of Venice.</i>	163	
<i>As you Like it.</i>	185	
<i>The Taming of the Shrew.</i>	208	
<i>All is well, that Ends well.</i>	230	
<i>Twelve-Night, or what you will.</i>	255	
<i>The Winters Tale.</i>	304	
HISTORIES.		
		<i>The Tragedy of Coriolanus.</i> Folio 1.
		<i>Titus Andronicus.</i> 31
		<i>Romeo and Juliet.</i> 53
		<i>Timon of Athens.</i> 80
		<i>The Life and death of Julius Cesar.</i> 109
		<i>The Tragedy of Macbeth.</i> 131
		<i>The Tragedy of Hamlet.</i> 152
		<i>King Lear.</i> 283
		<i>Othello, the Moore of Venice.</i> 310
		<i>Anthony and Cleopater.</i> 346
		<i>Cymbeline King of Britaine.</i> 369

O Encilhamento, 1888-1892



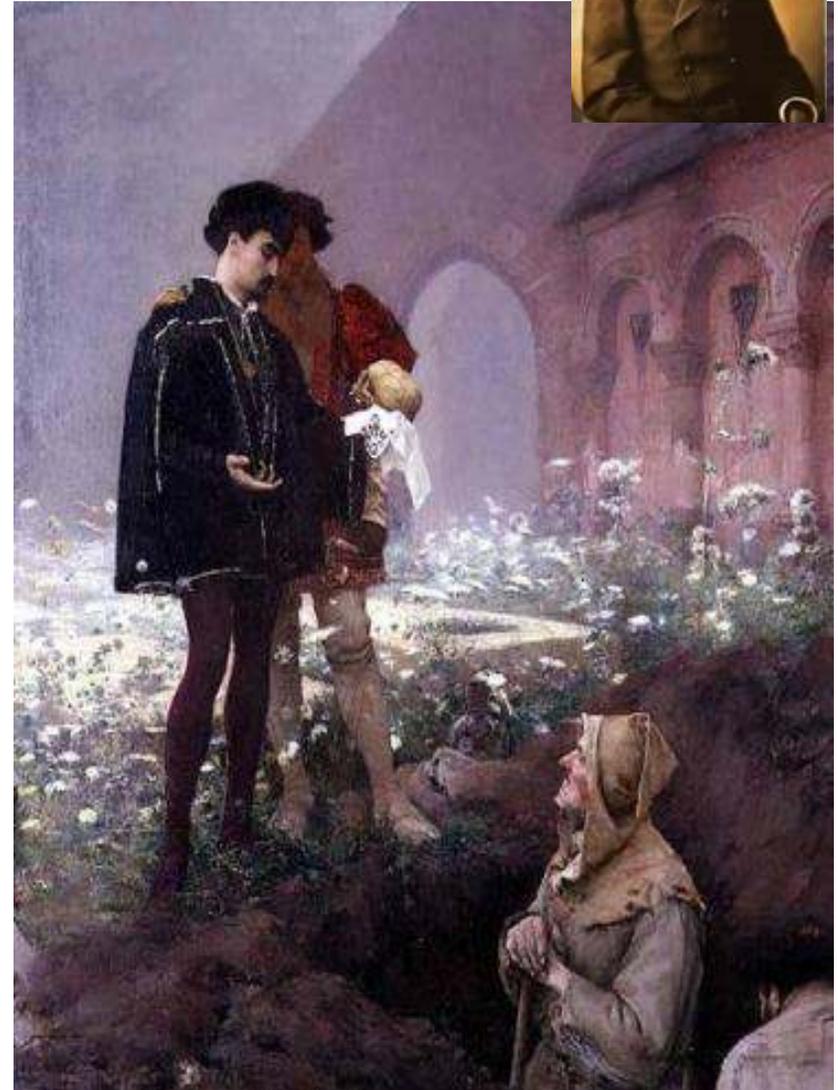
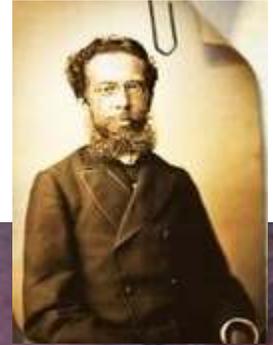
Hamlet - Cena do cemitério **Coveiros, Hamlet, Horácio**

Quem eram os "ocupantes" das caveiras?

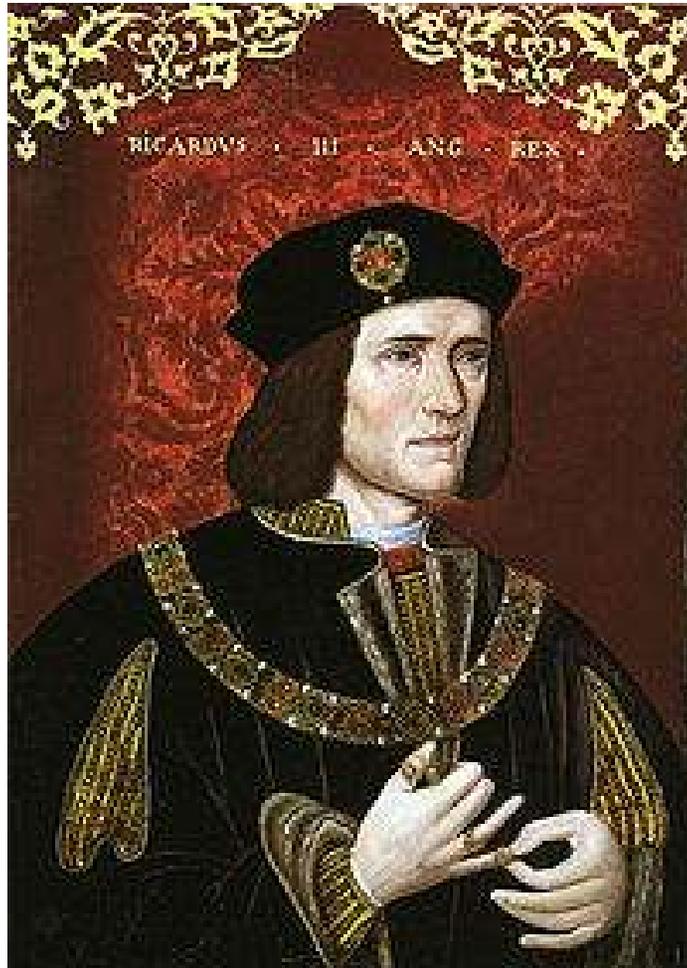
“Essa mistura de poesia e cotação de praça, de gente morta e dinheiro vivo, não podia gerar nada bom; eram alhos com bugalhos”.

“Falavam de bancos, do Banco União, do Banco Eterno, do Banco dos Bancos, e os respectivos títulos eram vendidos ou não, segundo oferecessem por eles sete tostões ou duas patacas. Não eram bem títulos nem bem caveiras; eram as duas coisas juntas, uma fusão de aspectos, letras com buracos de olhos, dentes por assinaturas”

Machado de Assis (03/06/1894)



Ricardo III, o verdadeiro, o representado por Al Pacino, e José Serra



Henrique VI, José Sarney e Itamar Franco



Falstaff e Hal (Christofer Benjamin & Jordan Frieda, e Orson Welles & Keith Baxter), Lula com Aécio.



Falstaff em tres versões, e Lula



E Lula?

(risos) Acho que ele não lembra nenhum personagem, porque é um tipo de personalidade que Shakespeare não concebia chegando ao poder na época.

Rei Lear e as suas 3 filhas, Goneril, Regana e Cordélia:



FOLHA DE S. PAULO **Opinião**

São Paulo, segunda-feira, 03 de agosto de 2009

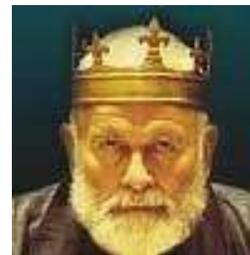
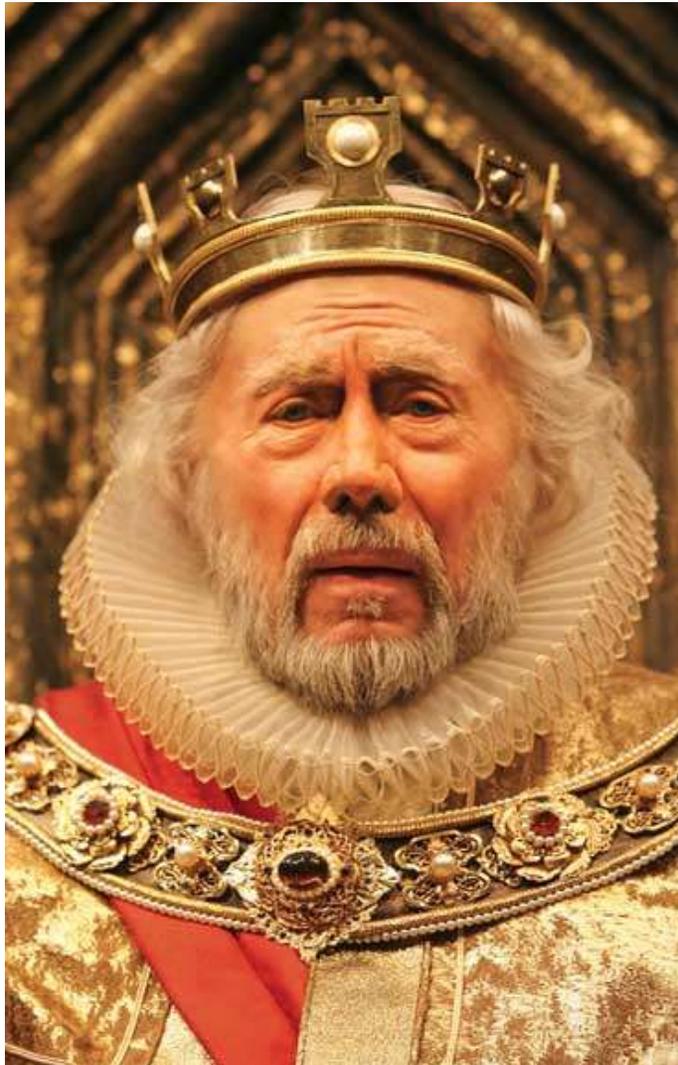
MARINA SILVA

Complexo de Lear

DURANTE CURSO de especialização na Universidade de Brasília, estudei a obra "Rei Lear", de Shakespeare. Talvez a tragédia possa nos ajudar a entender um pouco a política brasileira.



Rei Lear (Ian McKellen e Brad Bedford) e já louco (Trevor Nunn)



Goneril com Regana, pintadas por Edwin Austin Abbey, e sozinha, representada por Francis Braber e Dilma Rousseff



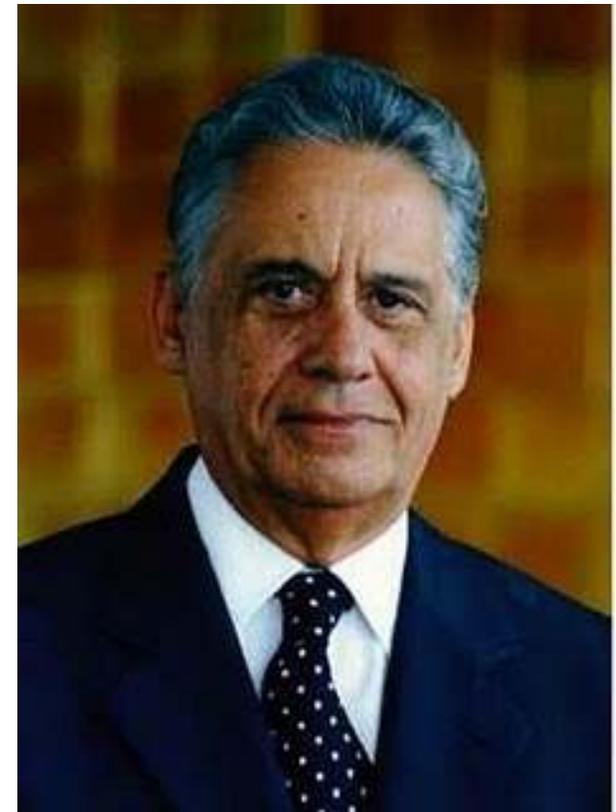
Gertrudes (Glen Close, no Hamlet de Zeferelli) e a República (a estabilidade) na cédula de R\$ 1,00



Polonio (Richard Briers e Daniel Flint) e Guido Mantega



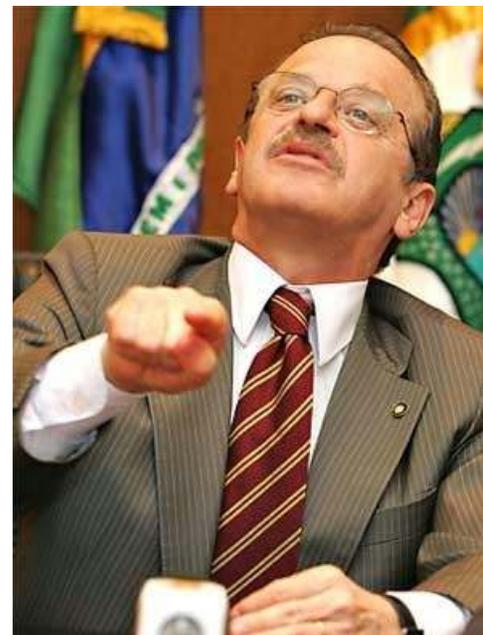
Hamlet, de Lawrence Olivier, Mel Gibson e Kenneth Branagh, e FHC.



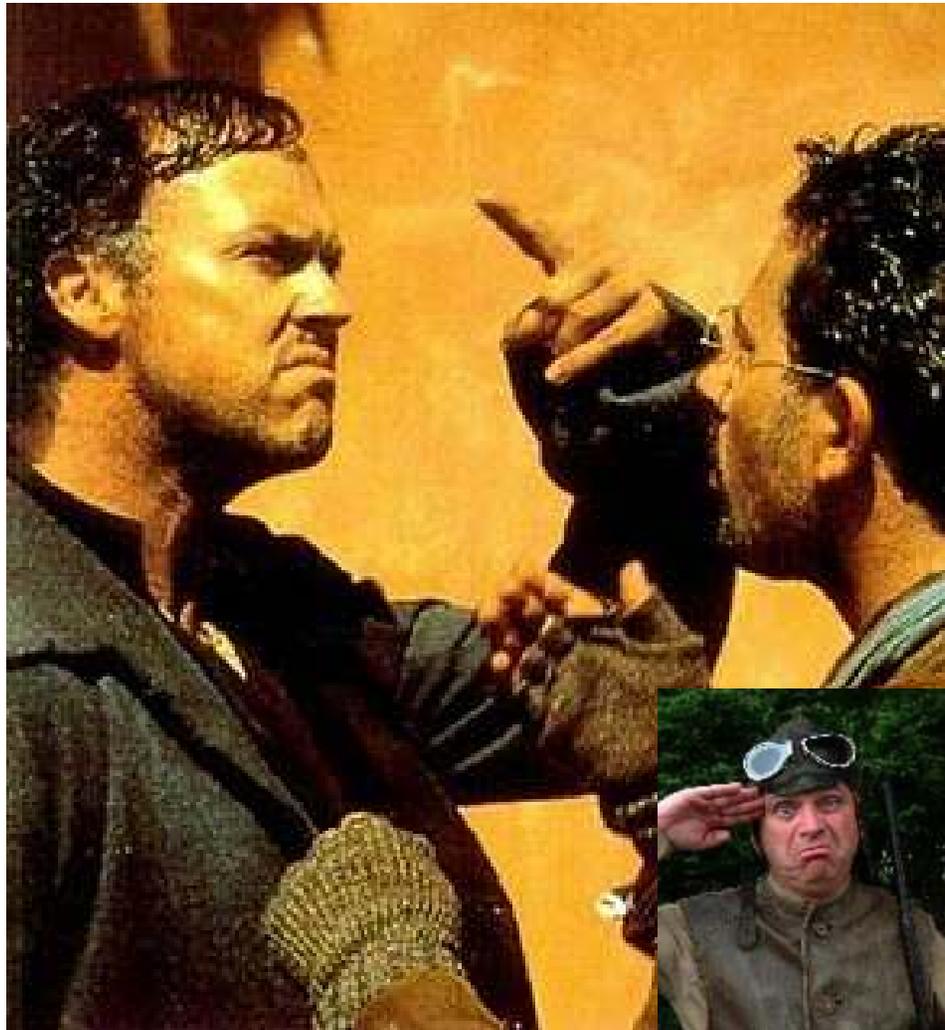
Macbeth (Orson Welles, Polanski, Colm Feore) e José Dirceu



Ângelo de John Gilgud e Tarso Genro



Dogberry de Michael Keaton, Eduardo Suplicy e Ricardo Berzoini



Henrique VIII e JK



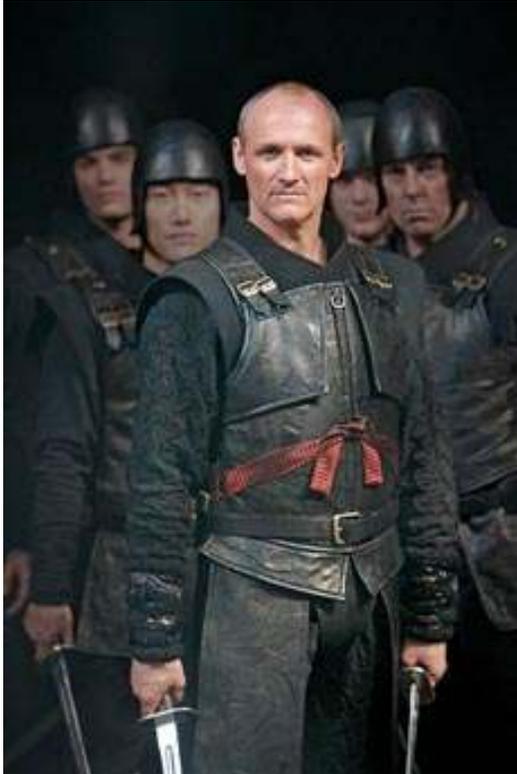
Ricardo II e Fernando Collor



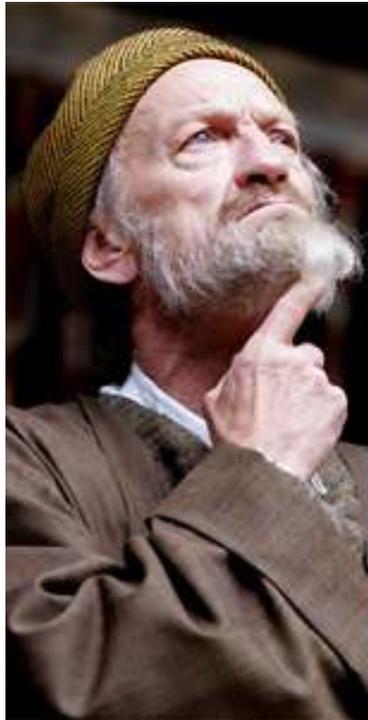
Iago (Branagh) e Delfim



Coriolano (Colm Feore e Stephen Moorer) e Ciro Gomes



Shylock (John McEnery, F. Murray Abraham e Ian Bartholomew) e Henrique Meirelles



Jack Cade (Oliver Cotton) e João Pedro Stedile, do MST



Prospero em “A tempestade”

WS, em seu testamento poético, encenando a si mesmo sob os traços de Próspero, o grande mago ao qual obedecem os elementos, joga fora a sua varinha, pois estava voltando para governar Milão, e para isso bem sabe que “não se pode recorrer à mágica na resolução dos problemas humanos e de Estado: para o bom governante se realizar pessoal e politicamente, não é preciso mais que aquilo que Shakespeare sempre considerou mais que qualquer coisa: um homem”.

Barbara Heliodora, Falando de Shakespeare, São Paulo: Perspectiva Editora, pp. 150-1

